

Comentário de Conjuntura

A perspectiva de eventuais mudanças na condução de política monetária manteve-se como principal ponto de atenção dos mercados globais, em julho, em meio a sinais mistos na evolução da atividade econômica e da inflação, bem como das implicações das novas tarifas comerciais adotadas pelos EUA. A elevação das expectativas de afrouxamento monetário nas principais economias, resultaram em aumento incomum do apetite por risco nas bolsas globais, mesmo com forte abertura da curva de rendimentos das *treasuries* norte-americanas

Nos Estados Unidos, o Federal Reserve manteve a taxa de juros inalterada na reunião de julho, conforme esperado, e reforçou que decisões futuras dependerão da trajetória dos indicadores de atividade e preços. Contudo, o balanço de riscos para a política monetária tornou-se mais adverso. A inflação corrente traz sinais incipientes das tarifas comerciais sobre os preços de bens, com perspectiva de intensificação, ao passo que o mercado de trabalho mostra arrefecimento. Apesar dessa dicotomia entre os indicadores, aumenta a expectativa do início do ciclo de afrouxamento monetário para a reunião de setembro. No campo comercial, novos anúncios tarifários tendem a adicionar pressões inflacionárias e moderar o crescimento.

Na zona do euro, o Banco Central Europeu manteve a taxa básica em 2% a.a. e adotou discurso mais austero, sinalizando incerteza sobre novos cortes. A desinflação avança, com desaceleração dos preços de serviços e leve alta de bens. Na China, o PIB cresceu 1,1% no 2º trimestre, superando ligeiramente as projeções. Em junho, o ritmo desacelerou frente a maio, com vendas no varejo e investimento em ativos fixos abaixo das expectativas, enquanto a produção industrial mostrou maior dinamismo, sustentada pelo setor de alta tecnologia.

No Brasil, observa-se moderação gradual da atividade econômica. A dinâmica inflacionária mostrou-se favorável, com recuo dos núcleos de inflação e de medidas subjacentes e melhora nas expectativas inflacionárias, embora ainda desancoradas. As novas tarifas comerciais dos EUA em relação ao comércio do País tendem a ter efeito desinflacionário, ainda que limitados, e impactos negativos localizados sobre atividade.

Recursos Garantidores

R\$ 730,9 milhões

Superavit Técnico

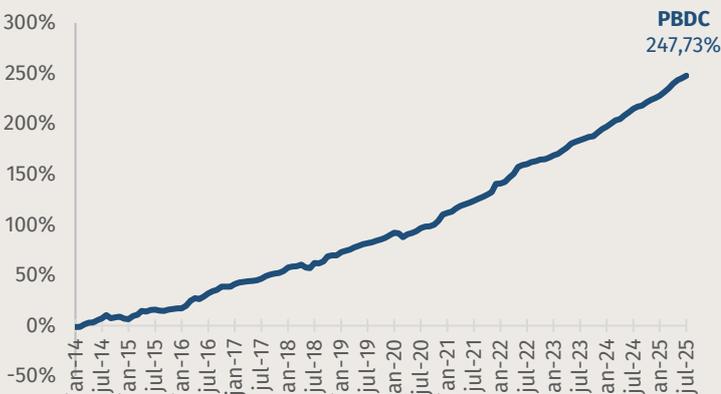
Superavit Acumulado	R\$ 102,9 milhões
Provisões Matemáticas	R\$ 378,0 milhões
% Provisões Matemáticas	27,2%

Histórico de Rentabilidade (%)

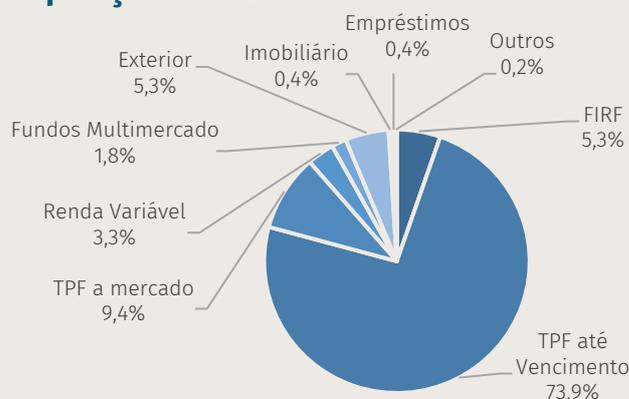
	2024			2025				12 meses	24 meses	36 meses	60 meses
	1º Sem	2º Sem	Ano	1º Tri	2º Tri	Jul	Ano				
PBDC - Rent. líq.	5,55	4,60	10,41	2,85	3,08	0,68	6,73	10,45	22,55	33,68	76,89
Meta Atuarial ^{1/}	4,35	4,15	8,71	2,97	1,85	0,56	5,47	9,12	18,23	27,50	65,50
IPCA	2,48	2,29	4,83	2,04	0,93	0,26	3,26	5,23	9,95	14,46	37,32
CDI	5,22	5,38	10,87	2,98	3,33	1,28	7,78	12,55	25,49	42,53	59,71

1/ IPCA + 4,5% a.a. entre 2017 e 2020, IPCA + 4,0% a.a. em 2021 e IPCA + 3,70% a.a. a partir de 2022.

Rentabilidade Histórica



Composição da Carteira



Destaques de Desempenho

A carteira de investimentos do plano registrou ganhos de 0,68% em julho, com destaque positivo para o segmento Exterior, refletindo a desvalorização do real frente ao dólar. O desempenho da carteira de Renda Fixa, apesar do movimento de abertura na curva de juros doméstica, permaneceu positivo, repercutindo os altos prêmios mantidos no portfólio. O segmento de Renda Variável foi o detrator no mês, diante do movimento de aversão ao risco.

Segmento de Aplicação	Rentabilidade (%) Julho/25
Renda Fixa	0,74
Renda Variável	-4,00
Estruturado	0,29
Exterior	3,04
Imobiliário	-0,08
Op. Participantes	0,96